

# O poeta e o lanterninha

Caramujo Flor, ao contrário de *Presença de Marisa*, consegue realizar suas pretensões ecológicas. Não por acaso é um filme que aposta na poesia da visualidade, contando por sinal com um impecável trabalho de fotografia (Pedro Farkas, o mesmo de *A Marvada Carne*, de André Klotzel). Em seu filme de estréia, o mato-grossense Joel Pizzini presta um belo tributo ao poeta conterrâneo Manuel de Barros. Ele passou longe do modelo documental/biográfico, optando pelo ensaio poético, que parece ser mais adequado para focalizar o universo de um poeta do que o didatismo rançoso que predomina na produção brasileira de curta-metragem. Além de tudo Caramujo Flor não se limita a ser uma sucessão de belas imagens. Pizzini soube aproveitar com sensibilidade outros talentos de Mato Grosso: Ney Matogrosso, Tetê Espindola, Rubens Correia e Araci Balabanian. O resultado é um filme sensorial e tocante.

Mais Luz, de Reinaldo Pinheiro, toma como ponto de partida em lanterninha de São Paulo, *Zé da Ilha*, que é apaixonado por Greta Garbo. Aqui também

existe a recusa de seguir a fórmula do documentário biográfico. *Zé da Ilha* é um (belo) pretexto para uma descontraída reflexão sobre cinema que combina documentário e ficção. O filme funciona melhor quando focaliza a figura do lanterninha e ao mostrar o fechamento das salas de projeção. Destaque para o trecho que mostra a Igreja Universal que tomou o lugar de um grande cinema paulistano. E também para a cena em que *Zé da Ilha* dança com a legendária Zelé Macedo — que está impagável apesar de entrar muda e sair calada. O filme reúne ainda depoimentos de críticos e cineastas como Jean-Claude Bernardet, Jairo Ferreira, Cacá Diegues, Chico Botelho e Denoy de Oliveira. Ajá também o diretor procurou a descontração embora não tenha evitado um tom de divagação. Principalmente nas tomadas em que três dos cineastas mencionados aparecem numa mesa de bar. Faltaram também legendas de identificação. O resultado pode ser desigual mas não se pode negar ao filme o mérito de defender o cinema como “a arte do sonho e da magia”. (Sérgio Bazi)